



Morte e Vida Severina

João Cabral de Melo Neto

Introdução: o contexto histórico

A terceira geração modernista no Brasil tem início em 1945, ano que marca o fim da Segunda Guerra Mundial, que teve como consequências, entre outras, a ascensão dos Estados Unidos e da antiga União Soviética e o surgimento do bloco dos países do Terceiro Mundo.

A Europa sofre a perda de sua hegemonia econômica e política; devastada e desprovida de recursos para a recuperação de sua economia, assiste à implantação do "Plano Marshall", um plano de ajuda financeira desenvolvido pelos Estados Unidos, o qual visava, além do auxílio à economia europeia, à vazão para as mercadorias americanas. Cria-se a ONU, que seria responsável pela preservação da paz mundial, e o mundo vive os problemas internacionais criados pela "Guerra Fria" — o confronto diplomático e militar entre os Estados Unidos e a União Soviética;

O embate entre socialismo e colonialismo e a descolonização, movimento de emancipação das antigas colônias da Ásia e da África, somam-se à Independência da Índia, em 1947, e, em 1948, à Revolução Comunista na China.

No Brasil, 1945 é o ano do fim do Estado Novo. A reforma constitucional de fevereiro regulamenta as eleições e é dada anistia aos presos políticos, com o favorecimento do debate público e da organização partidária. As medidas em benefício dos trabalhadores, aliada à política nacionalista de defesa dos interesses brasileiros provoca o "*Queremismo*", movimento de apoio a Getúlio Vargas por parte de setores trabalhistas e de comunistas, mas os setores das classes dominantes, os do capital internacional e as Forças Armadas forçam sua deposição de Getúlio Vargas.

Finalmente, em dezembro, as eleições colocam o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra no governo Getúlio, no poder; inicia-se o desenvolvimento da "república populista".

De 1945 a 1960, o país passa por um período de grandes mudanças, entre as quais se destacam:

- A participação na Guerra Fria, ao lado do bloco ocidental, com vistas à contenção do avanço comunista. Em 1947, é declarada a ilegalidade do Partido Comunista e acontecem exílios e prisões, envolvendo vários intelectuais da nação.
- Em 1951, ocorre a volta de Getúlio Vargas ao poder, por eleição direta; começa aí a política nacionalista e populista, que desagradava às classes dominantes e determina a pressão dos militares para seu afastamento do governo, o que culmina com o suicídio, em 1954.
- Em 1955, há a eleição de Juscelino Kubistchek para presidente, com a proposta de cumprir "cinquenta anos em cinco", voltada para a política desenvolvimentista, com a construção de Brasília e o desenvolvimento acelerado, que traz o aumento da inflação e da dívida social.
- Finalmente, em 1960, a eleição de Jânio Quadros para a presidência da República, em meio a mudanças políticas, sociais e econômicas, que se refletirão, durante o período, na vida cultural do país, em vários acontecimentos, entre os quais:
 - a introdução da televisão, por iniciativa do jornalista Assis Chateaubriand;
 - o surgimento do Teatro Brasileiro de Comédia;
 - o desenvolvimento do cinema, tanto com as "chanchadas", como o "cinema sério";
 - a divulgação, pelo rádio, de ritmos brasileiros e americanos, como a Bossa Nova, em 1958.

Esse é, enfim, o panorama sociocultural no qual se desenvolve a "Geração de 45", marcada por características muito próprias e peculiares.

A Geração de 45: uma época singular

A sociedade vive, no período pós-guerra, novas necessidades, determinadas pelo terror da guerra e da destruição; aumenta a necessidade de uma comunicação mais direta, e isso determina o predomínio da prosa sobre a poesia, com prioridade do gênero narrativo.

A influência da ideologia comunista, por sua vez, implica o cultivo de uma literatura participante, em que se divisa a denúncia da realidade social, degradada nas suas estruturas fundamentais. Buscam-se caminhos para o entendimento e a decifração do homem, no que se nota claramente a influência das teorias freudianas e do catolicismo existencial. Procura-se, enfim, senão um remédio para as dores da guerra — e seus temores —, pelo menos paliativos que tornem sua lembrança mais suportável. O Experimentalismo dos anos 50, por exemplo, abriria caminho para a ruptura com a tradição do gênero narrativo e com os limites entre suas estruturas.

Do ponto de vista da poesia, a "Geração de 45", ou Terceira Geração Modernista no Brasil representou, praticamente, uma volta à literatura que se fazia antes da Semana de Arte Moderna de 1922. Vista dessa forma, pode ser entendida como um retrocesso em relação às conquistas realizadas pelos modernistas: enquanto estes defendiam a liberdade de expressão, o verso livre, harmônico, a anarquia formal, os poetas da geração de 45 revalorizam a métrica, a rima, o vocabulário, o plano formal, enfim.

Constituem grandes nomes da poesia dessa geração Alphonsus Guimarães Filho e Ledo Ivo, ao lado de Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio da Silva Ramos. Porém — e mesmo que a maior parte de sua poesia caminhe contrariamente ao que propunha sua geração —, o maior nome do período é, incontestavelmente, João Cabral de Melo Neto.

João Cabral de Melo Neto: um diplomata poeta

João Cabral de Melo Neto nasceu no Recife, em 1920, e morreu no Rio de Janeiro em 1999. Filho e neto de donos de engenho, passou a infância no interior de Pernambuco, voltando, em 1930, para a capital pernambucana, onde estudou no Colégio dos Irmãos Maristas. Aos quinze anos, foi campeão juvenil pelo Santa Cruz Futebol Clube, vestindo a camisa número cinco. Dois anos depois, os primeiros empregos: foi secretário do pai, consultor jurídico na Associação Comercial de Pernambuco e encarregado de apuração industrial no Departamento de Estatística. Frequenta, nessa época, o Café Lafayette, que era ponto de encontro da intelectualidade de então.

Em 1940, viaja para o Rio de Janeiro com a família e lá conhece Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, influências sensíveis em sua poesia. Volta à terra natal e, no ano seguinte, apresenta, no Congresso de Poesia do Recife, sua tese "Considerações sobre o poeta dormindo".

Em 1942, lança seu primeiro livro, *Pedra do sono*, em edição pequena e paga por ele mesmo, que vendeu exemplares aos parentes para custear a tiragem. Muda-se para o Rio de Janeiro, presta concurso para o funcionalismo público e começa a frequentar círculos literários. Em 1945, publica *O engenheiro* e entra para a carreira diplomática. Trabalha no Itamaraty e casa-se, um ano depois, com Stella Maria

Barbosa de Oliveira, sua primeira mulher, com quem teve cinco filhos.

A partir de 1947, passa a viver em diversos lugares do mundo: Barcelona, Londres, Sevilha, Marselha, Genebra, Berna, Assunção, Dacar, Quito..., ao mesmo tempo que publica suas obras: *Psicologia da composição*, *O cão sem plumas*, *O rio*, *Duas águas*, *Morte e Vida Severina*, *Terceira feira*, *A educação pela pedra*, *Museu de tudo*, *A escola das facas*, *Poesia crítica*, *Agrestes*, *Sevilha andando*, *Poemas sevilhanos* etc. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1968, ocupando a vaga de Assis Chateaubriand. Casou-se pela segunda vez em 1986 com a poeta Marly de Oliveira, com quem viveu até morrer, já cego, aos setenta e nove anos.

Uma poesia avessa à emoção

A poesia de João Cabral de Melo Neto é inserida na "Geração de 45" — já que, de acordo com ele mesmo, cronologicamente "todos hão de pertencer a alguma". Nem sempre, porém, a obra de um autor é acorde com a geração a que ele pertence; muitas vezes, inclusive — e este é o caso de João Cabral — escolhe caminhos diferentes e até opostos a ela.

Sua poesia é resultado de trabalho árduo, minucioso, difícil, a ilustrar a contradição entre a sutileza do trabalho artístico e a enorme dificuldade para realizá-lo. Tem como principais características a contenção e a objetividade: é um "poeta de poucas palavras e poucos assuntos", que se preocupa em eliminar, de suas imagens, todo tipo de sentimentalismo. Ocorre, dessa forma, uma espécie de "despoetização do poema", o qual é aliviado de resíduos sentimentais ou subjetivos.

Seus poemas se constroem sob um esquematismo rigoroso, em que predomina o sentido denotativo e as palavras concretas — "palavras-coisas" —, através de um trabalho lúcido e racional de simetria formal. Poética antirromântica, reduz as imagens à sua essência. Os temas recorrentes são a arte poética, as tradições e a gente do nordeste, as paisagens áridas.

Seguindo um rigoroso processo de pensamento "científico", arquetônico, de engenheiro, em linguagem construtivista, de rigor clássico, avessa ao emocionalismo, o poeta procura voltar sua atenção exclusivamente para o objeto que está fora de si. E busca equilibrar uma possível desumanização adotando atitudes mais participativas, como em *Morte e Vida Severina*. Neste poema, o homem, "coisificado" injustamente pela própria conjuntura social, ocupa o lugar central da narrativa.

Morte e Vida Severina, "auto de natal pernambucano", constitui o poema longo mais equilibrado de João Cabral: aqui, o rigor formal é contrabalançado pela temática participante, de cunho social.

Morte e Vida Severina: o equilíbrio poético

O poema conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que viaja rumo ao litoral e depara, em cada canto, com a morte, presença anônima e coletiva, até que, no último pouso — Recife, o lugar de destino — fica sabendo do nascimento de um menino: sinal de que ainda existe algo que resiste à constante negação da vida.

A viagem empreendida por Severino é tortuosa, difícil, árdua, árida: espelho claro de uma condição de vida miserável, vida que capitula, a cada passo, diante da morte. Nesse sentido, dois planos se interpenetram: o sociológico e o psicológico, o mundo cósmico e o mundo íntimo, individual.

Assim, o poema vai sendo construído com rigor de expressão, em dicção não enfática, marcada pela disciplina formal. E, inspirado nos autos de natal de tradição pastoril, de tradição ibérica medieval, estrutura-se predominantemente em versos heptassílabos, redondilhos maiores.

A influência de Gil Vicente — dramaturgo português do século XV, considerado o fundador do teatro em Portugal — é clara: a peça segue a estrutura de um auto, apresentando dezoito quadros de extensões variadas. O caráter alegórico dos autos vicentinos também está presente na apresentação das personagens, que alegorizam a luta entre a morte e a vida. Severino é a manutenção, a luta pela vida, enquanto os seres que ele encontra ou estão mortos ou, se vivos, estão sempre a serviço dos mortos. Nesse sentido, por exemplo, são personagens tipicamente alegóricas, além de Severino, os irmãos das almas, os cantadores de excelências, os coveiros recifenses.

Há, por outro lado, diferenças entre os dois autores. Cabe, entre elas, destacar que, enquanto em Gil Vicente a crítica moral é bem-humorada, em João Cabral predomina o tom de amargura e revolta; o humor dos autos vicentinos é espontâneo e em João Cabral, um humor negro e ácido; se na obra de Gil Vicente a religiosidade, vinculada ao cristianismo, constitui um parâmetro positivo, indicando o caminho da salvação após a vida, em *Morte e Vida Severina* a religião é vinculada à miséria e à morte — duas constantes da vida sofrida dos Severinos —, transparecendo como pano de fundo nos cânticos e rezas e nos ritos funerários, num lamento pela situação de abandono, de injustiça e desesperança.

A parte chamada pela crítica de "auto dentro do Auto" — já que o poema tem como subtítulo *Auto de Natal Pernambucano* —, também se assemelha aos autos de Natal medievais. O nascimento do menino, filho de mestre carpina, que se chama José e é de Nazaré da Mata, remete ao nascimento de Jesus Cristo e traz uma mensagem de esperança, constituindo a alegoria natalina cristã do auto: há o anúncio de seu nascimento, feito por uma mulher do mocambo; sua família é pobre, mora em um mocambo, que remete à manjedoura onde Jesus dormiu ao nascer; os visitantes presenteadores lembram os magos do Oriente que ofertaram presentes a Jesus. A beleza do menino simboliza o poder alegórico-social: é um anticorpo contra a doença da pobreza, e capaz de combater o vazio da desesperança. O discurso do mestre carpina, pai da criança, representa o polo da vida, que opõe ao impulso tanatológico (de morte) de Severino; suas palavras são positivas e estimulam a vida, reafirmada pelo nascimento de seu filho.

De acordo com o próprio autor, neste poema os "diálogos vão sempre na mesma direção, são paralelos". O vocabulário, por sua vez, centra-se preferencialmente no substantivo concreto e no verbo de ação, em linguagem marcada pelo tom de amargura e revolta contra a miséria e a exploração de que é vítima o nordestino.

Ocorre, assim, absoluta adequação da linguagem à realidade em que se baseia a obra: linguagem contida, sem excessos, sem adornos.

O título "Morte e Vida Severina" já remete ao sentido social que se estabelece ao longo do poema. Ao inverter a ordem natural — vida e morte — para "Morte e vida", o poeta ilustra de modo contundente o tipo de vida ilustrado no poema: uma vida presidida pela morte. Ambas *severinas*. Ambas pobres, anônimas, miseráveis.

O poema

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

Severino é o protagonista que, a partir de sua própria apresentação — na primeira estrofe do poema — insiste no caráter absolutamente comum de seu nome: "Como há outros Severinos,..."; "Como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria,..."; "Somos muito Severinos / iguais em tudo na vida:...". Assim, de substantivo próprio, "Severino" torna-se substantivo comum e, depois, adjetivo.

Partindo do Agreste, Severino emigra em direção ao litoral: "...passo a ser o Severino / que em vossa presença emigra".

ENCONTRA DOIS HOMENS CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA REDE, AOS GRITOS DE "Ó IRMÃOS DAS ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI EU QUE MATEI NÃO!"

Ainda na Caatinga, encontra dois homens carregando um defunto numa rede: é Severino Lavrador, morto numa emboscada, por "Ter uns hectares de terra,...", ou seja: foi morto para que lhe tomassem a terra.

Tem-se, já aqui, a impressão de que a condição de morto é melhor que a de vivo.

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR PORQUE SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

Em novo monólogo, Severino compara sua viagem a um rosário, cujas contas são representadas pelas vilas e arruados do vale do rio.

Contudo, entende depois que é difícil "seguir essa ladainha", por causa da interrupção que o rio sofre com a seca.

NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA ESTÃO CANTANDO EXCELÊNCIAS PARA UM DEFUNTO, ENQUANTO UM HOMEM, DO LADO DE FORA, VAI PARODIANDO AS PALAVRAS DOS CANTADORES

Trata-se do segundo encontro de Severino com a morte. As palavras do cantador do lado de fora ironizam, através da paródia, o misticismo dos cantadores de velório do nordeste.

CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS INSTANTES E PROCURAR TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA

Severino identifica-se com o rio Capibaribe e pensa em interromper sua caminhada, da mesma forma que o rio corta seu curso por causa da seca.

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE DEPOIS DESCOBRE TRATAR-SE DE QUEM SE SABERÁ

É o terceiro encontro com a morte: a mulher na janela é uma rezadeira de defuntos e explica a Severino que todas as coisas que ele sabe fazer ("cultivar", "plantar", "tratar de gado", "cuidar de uma moenda") de nada adiantam ali: só há trabalho ligado à morte.

O RETIRANTE CHEGA À ZONA DA MATA, QUE O FAZ PENSAR, OUTRA VEZ, EM INTERROMPER A VIAGEM

Severino acha a terra "mais branda e macia", "doce para os pés e para a vista", banhada por rios de "água vitalícia". Ocorre, aqui, uma breve reafirmação da vida: "Decerto a gente daqui / jamais envelhece aos trinta / nem sabe da morte em vida / vida em morte, severina;...".

ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE EITO E OUVI O QUE DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO

Nesta passagem, Severino é espectador da cena. As palavras dos amigos do morto criticam a injustiça e a exploração do trabalhador pelo latifúndio.

O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

Trata-se do último monólogo de Severino antes de chegar ao Recife. Nele, o retirante afirma não ter sentido diferença entre o Agreste e a Caatinga e acha que "entre a Caatinga e aqui a Mata / a diferença é a mais mínima".

CHEGANDO AO RECIFE, O RETIRANTE SENTA-SE PARA DESCANSAR AO PÉ DE UM MURO ALTO E CAIADO E OUVI, SEM SER NOTADO, A CONVERSA DE DOIS COVEIROS

As falas dos dois coveiros estrutura-se em versos livres. Pela conversa, Severino fica sabendo que a diferença social atinge também os cemitérios e que até a pobreza é dividida em níveis aí: o de Santo Amaro, o da Casa Amarela e os enterros gratuitos. Neste ponto, Severino, que até então se apoiava na ideia de afirmação da vida, parece sucumbir à sugestão, ouvida do coveiro, de jogar-se no rio: descobre que, mesmo na cidade, existe a condição severina — é a mesma realidade miserável que iguala vida e morte.

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

Severino reafirma, em monólogo, a intenção de morrer, ouvida do coveiro, já que, segundo escutara deste, fizera a viagem "seguindo seu próprio enterro".

APROXIMA-SE DO RETIRANTE O MORADOR DE UM DOS MOCAMBOS QUE EXISTEM ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO

Seu José, um carpinteiro, aproxima-se de Severino e este lhe pergunta se o rio é fundo o suficiente para cobrir seu corpo: a resposta só acontecerá no final do poema.

A partir desse diálogo — em que Severino deixa clara sua intenção de saltar "fora da ponte e da vida" — a participação do retirante deixa de ser ativa, e ele não tem mais falas.

UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ

A mulher dirige-se a Seu José, chamando-o de compadre e anunciando-lhe o nascimento do filho dele. Ela usa o verbo "saltar" que, nesta passagem, assume significado oposto ao da passagem anterior: "saltou para dentro da vida". Tem-se, assim, a "anúnciação" do nascimento da criança.

APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS CIGANAS ETC.

As pessoas fazem louvações ao nascimento do menino, que vence, momentaneamente, os aspectos de miséria do lugar.

COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-NASCIDO

As pessoas, muito pobres, oferecem pequenos e miseráveis presentes para o menino, repetindo sempre o refrão "Minha pobreza tal é,...".

Esta cena remete à visita dos reis magos no nascimento de Jesus Cristo.

FALAM AS DUAS CIGANAS QUE TINHAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

A primeira cigana profetiza, para o menino, uma vida miserável e anfíbia.

A segunda cigana profetiza uma vida pobre, suja, "impura", mas não de lama, e sim de graxa.

A parte referente à celebração do nascimento (a visita dos amigos, os "reis magos", as profecias) segue o roteiro tradicional dos autos pastoris e é chamada, pela crítica, de "auto dentro do Auto".

FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS QUE VIERAM COM PRESENTES ETC.

As pessoas fazem louvação à beleza do recém-nascido, mas relacionando essa beleza com a resistência à morte: ele é magro, "mas tem o peso de homem" ; é pálido e franzino, "mas tem a marca de homem" ; é "belo porque corrompe / com sangue novo a anemia" e "— Infecciona a miséria / com vida nova e sadia".

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE EM NADA

Seu José dirige-se a Severino, reafirmando a ideia de vida que este busca desde o início:

— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga.
É difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que se vê, severina;
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,

que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar, como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

Não se trata, contudo, de um "final feliz" ou otimista: as profecias das duas ciganas e o próprio modo de falar de Seu José permitem evidenciar que a vida recém-iniciada é mais uma vida severina, sempre cercada pela morte.

Atividades

Em *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, Severino percorre várias "estações" e depara com a morte em situações diversas, seguindo sua vida severina, presidida pela morte. O que o leva a concluir, finalmente, que viera do agreste para o Recife, "seguindo seu próprio enterro" ?